REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MULHERES NA PRODUÇÃO CAFEEIRA: UM ESTUDO QUALITATIVO EXPLORATÓRIO

TRAJECTORIES AND CHALLENGES OF WOMEN IN COFFEE PRODUCTION: AN EXPLORATORY QUALITATIVE STUDY

TRAYECTORIAS Y DESAFÍOS DE LAS MUJERES EN LA PRODUCCIÓN CAFETERA: UM ESTUDIO CUALITATIVO EXPLORATORIO

Márcia Seibert Wockel
Graduanda em Administração pela FACELI - Faculdade de Ensino Superior de Linhares E-mail: marciaseiberwockel@gmail.com

Amanda Soares Zambelli
Professora de Administração da FACELI. Mestre e Doutora em Administração. E-mail: amanda.soares@faceli.edu.br

RESUMO: O objetivo desta pesquisa consistiu em compreender quais os desafios enfrentados pelas mulheres que seguem carreira no agronegócio do café. Para tal, foi realizada uma pesquisa qualitativa exploratória por meio de entrevistas com cinco mulheres que atuam no segmento. Os resultados demonstraram que as participantes descreveram trajetórias de crescimento e ampliação de responsabilidades no ramo da cafeicultura, seja na lavoura, na gestão de propriedades ou ativamente em associações e cooperativas. Porém, ainda lidam com preconceitos de gênero, acesso limitado a recursos, disparidades salariais e dupla jornada de trabalho. O mercado agro é promissor, porém, tais barreiras externas ainda precisam ser superadas. Há muito o que se pode melhorar para que todas as profissionais da área agro, especificamente as do café, sejam devidamente reconhecidas, valorizadas e cresçam cada vez mais em seus empreendimentos.

Palavras-chave: Mulheres; agronegócio; trabalho; gestão; cafeicultura.

ABSTRACT: The objective of this research was to understand the challenges faced by women pursuing careers in the coffee agribusiness sector. To this end, an exploratory qualitative study was conducted through interviews with five women working in the field. The results show that these women have made significant progress in the coffee industry—whether in field operations, farm management, or through active participation in associations and cooperatives. Nevertheless, they continue to encounter gender-based prejudice, limited access to resources, wage disparities, and the burden of a "double shift" (balancing professional responsibilities with domestic duties). While the agricultural market holds great promise, these external barriers must still be overcome. There is significant room for improvement to ensure that all professionals in the agricultural sector—specifically those in the coffee industry—are duly recognized and valued, and that they are empowered to further grow their ventures.

Keywords: Women; agribusiness; work; management; coffee farming.

RESUMEN: El objetivo de esta investigación consistió en comprender los desafíos que enfrentan las mujeres que desarrollan su carrera en el agronegocio del café. Para ello, se llevó a cabo una investigación cualitativa exploratoria mediante entrevistas a cinco mujeres que trabajan en este sector. Los resultados mostraron que estas mujeres han logrado un desarrollo significativo en el ámbito de la caficultura, ya sea en el cultivo, en la gestión de propiedades o mediante una participación activa en asociaciones y cooperativas. No obstante, todavía se enfrentan a prejuicios de género, acceso limitado a recursos, disparidades salariales y una doble jornada laboral. El mercado agropecuario es prometedor; sin embargo, estas barreras externas aún deben superarse. Existe un amplio margen de mejora para que todas las profesionales del sector agropecuario —específicamente las vinculadas al

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

café— sean debidamente reconocidas y valoradas, y para que puedan seguir creciendo en sus respectivos emprendimientos.

Palabras clave: Mujeres; agroindustria; trabajo; gestión; caficultura

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o Brasil tem sido destaque pela aquisição de novas ferramentas tecnológicas e digitais utilizadas em prol da otimização do trabalho no campo, como também por elevar a competitividade no setor de agronegócios e garantir a qualidade dos serviços realizados (Grupo Bugio, 2024). Constata-se que também existe a necessidade de profissionais capacitados para atuarem neste mercado, pois os equipamentos agrícolas são de altíssima qualidade e com isso, há escassez de bons profissionais no ramo (Revista Rural, 2022). Atividades agrícolas mecanizadas e fisicamente exigentes foram historicamente construídas e representadas como masculinas, o que contribuiu para a exclusão simbólica e material das mulheres desse mercado. Ainda assim, estudos indicam que mulheres têm seguido carreira nesse segmento, mesmo diante de barreiras e discriminação (Berlato; Andreatta; Fernandes, 2023).

Tratando-se da participação das mulheres no agronegócio, estudos recentes indicam avanços significativos em sua inserção em atividades produtivas, gerenciais e de liderança no meio rural. Entretanto, persistem desafios relacionados ao acesso à terra, ao crédito, às tecnologias e aos espaços de decisão (Hora; Nobre; Butto, 2021; Vedana; Shikida; Garcias, 2023). Além disso, a literatura aponta que a atuação feminina no agro ainda é frequentemente invisibilizada, sobretudo em setores historicamente masculinizados, como a cafeicultura (Berlato; Andreatta; Fernandes, 2023; FAO, 2023). Nesse contexto, torna-se relevante investigar os diferentes papéis ocupacionais assumidos pelas mulheres e os obstáculos enfrentados em suas trajetórias profissionais.

A literatura sobre gênero e desenvolvimento rural demonstra que a contribuição econômica das mulheres no campo foi historicamente subvalorizada, apesar de sua participação ativa nas atividades produtivas e reprodutivas. Tal invisibilização contribui para a manutenção de desigualdades de gênero e limita o reconhecimento do trabalho feminino no meio rural (Hora; Nobre; Butto, 2021; FAO, 2023).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

As mulheres sempre estiveram presentes no trabalho rural, mas ainda enfrentam desigualdades significativas no agronegócio. Culturalmente, as profissões do campo foram atribuídas aos homens, sob a justificativa de exigirem força física e resistência às condições climáticas adversas. Essa divisão sexual do trabalho contribuiu para a invisibilização da atuação feminina e para a restrição do acesso das mulheres a recursos produtivos e posições de liderança no meio rural (Faria, 2009; Deere; León, 2003). Embora avanços tenham sido observados nas últimas décadas, as mulheres ainda enfrentam desafios relacionados ao reconhecimento profissional, à valorização de seu trabalho e à ocupação de espaços historicamente masculinizados no agronegócio (Berlato; Andreatta; Fernandes, 2023; Paulilo, 2016).

Estudos mostram que, mesmo quando as mulheres desempenham as mesmas funções que os homens, seu trabalho é frequentemente visto como secundário ou de apoio. O Censo Agropecuário de 2017 registrou cerca de 946 mil estabelecimentos dirigidos por mulheres, o equivalente a aproximadamente 19% do total (IBGE, 2019). Desse conjunto, 57% localizavam-se no Nordeste e 6% no Centro-Oeste (Hora; Nobre; Butto, 2021).

Além disso, constata-se que grande parte das mulheres estão à frente de propriedades com baixo uso de tecnologia. Uma pequena porcentagem dos estabelecimentos geridos por mulheres possui tratores, colheitadeiras ou outros implementos agrícolas. Esses dados refletem não só a desigualdade de gênero, mas também os desafios de acesso a recursos e reconhecimento no campo (Escosteguy *et al,* 2017).

Segundo abordagens de Escosteguy *et al (2017), a* questão da posição da mulher na família brasileira pode ser melhor compreendida se for vista como o produto de uma situação cultural, onde ela desempenhava papéis diferentes dos homens, mas que se completavam, através de uma balança ideológica. Enquanto os homens se ocupavam com assuntos relacionados à administração da fazenda ou de problemas políticos locais, as mulheres eram responsáveis pelos afazeres domésticos, como o provimento da família e seus agregados. Observa-se que as mulheres rurais têm apresentado elevada capacidade de adaptação às transformações sociais e produtivas, incorporando novas tecnologias, estratégias de gestão e práticas

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

sustentáveis, ao mesmo tempo em que conciliam responsabilidades produtivas e familiares (Vedana; Shikida; Garcias, 2023; FAO, 2023).

Os homens são designados prioritariamente à esfera produtiva enquanto as mulheres à esfera reprodutiva. Ao mesmo tempo, as atividades de maior valor agregado são destinadas aos homens. Essa formulação permite abordar a relação entre produção e reprodução. Com isso, explica-se a simultaneidade dessas mulheres nos trabalhos produtivo e reprodutivo, e sua posição diferenciada no mundo produtivo e no trabalho assalariado (Sousa; Guedes, 2016).

Assim, o objetivo desta pesquisa foi compreender os desafios relatados por cinco mulheres que atuam na produção cafeeira da região Norte do Espírito Santo, e como esses desafios se manifestam em suas trajetórias profissionais. A pesquisa fundamentou-se em entrevistas semiestruturadas, e a literatura científica e documentos institucionais foram utilizados para contextualização teórica. Os relatos indicam que as participantes enfrentam barreiras estruturais de gênero e econômicas para desenvolver sua carreira na cafeicultura. O estudo contribui de forma exploratória ao descrever, a partir de relatos situados, como os desafios apontados pela literatura se manifestam em trajetórias concretas. As reflexões podem subsidiar discussões sobre ações de cooperativas, extensão rural e políticas públicas.

Em termos teóricos, este artigo contribui para as discussões sobre carreiras femininas contemporâneas ao demonstrar que o agronegócio ainda apresenta características historicamente masculinizadas, nas quais persistem estereótipos de gênero, vieses inconscientes e barreiras institucionais que dificultam o reconhecimento e a ascensão profissional das mulheres (Berlato; Andreatta; Fernandes, 2023; FAO, 2023). Em termos práticos, o artigo possibilita o desenvolvimento de reflexões sobre a importância da ampliação de políticas públicas voltadas para mulheres no agronegócio, bem como apoio a financiamentos para o desenvolvimento de suas produções.

Embora haja avanços na participação feminina no agronegócio brasileiro, ainda são escassos os estudos voltados especificamente à trajetória de carreira das mulheres na cafeicultura. Diante desse cenário, este estudo busca compreender os desafios enfrentados por mulheres que atuam ou desejam atuar no agronegócio do

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

café, contribuindo para o debate sobre igualdade de gênero, desenvolvimento rural e valorização profissional no setor.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Por carreira compreende-se a trajetória profissional construída ao longo da vida (Hall, 2002; Sullivan; Baruch, 2009). Nas abordagens contemporâneas, ela deixa de ser apenas ascensão hierárquica em organizações. No meio rural, porém, muitas trajetórias não seguem a lógica de emprego, cargo e promoção, pois envolvem propriedade, sucessão familiar, gestão do estabelecimento, autonomia e reconhecimento como produtora. Assim, neste estudo, a carreira é entendida como a trajetória de inserção, permanência e reconhecimento das mulheres na produção cafeeira.

No contexto do agronegócio, as carreiras apresentam particularidades decorrentes das relações sociais e culturais historicamente estabelecidas no meio rural. Durante muito tempo, as atividades produtivas do campo foram associadas aos homens, enquanto às mulheres eram atribuídas funções domésticas e de apoio, resultando em desigualdades de acesso à terra, ao crédito e aos espaços de tomada de decisão (Faria, 2009; Deere; León, 2003).

Apesar dessas limitações históricas, observa-se um crescimento da participação feminina no agronegócio brasileiro. As mulheres vêm ocupando posições de liderança, gestão e inovação tecnológica, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e para a modernização do setor (Vedana; Shikida; Garcias, 2023; FAO, 2023).

Estudiosos como Faria (2009) e Paulilo (2016) enfatizam que as mulheres sempre estiveram presentes no campo, embora suas atividades fossem frequentemente invisibilizadas ou consideradas complementares ao trabalho masculino. Nesse sentido, a divisão sexual do trabalho rural constitui um importante elemento para compreender os desafios enfrentados pelas mulheres em suas trajetórias profissionais no agronegócio.

Ao longo dos anos, diversas barreiras foram superadas, permitindo que as mulheres ocupassem espaços cada vez mais relevantes no agronegócio. Atualmente,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

destacam-se pela adoção de tecnologias, pela gestão sustentável das propriedades e pela inovação nos sistemas produtivos, contribuindo diretamente para o desenvolvimento e a competitividade do setor agropecuário (FAO, 2023; Vedana; Shikida; Garcias, 2023).

2.1 MULHERES PIONEIRAS NO SEGMENTO DE AGRONEGÓCIOS

A história da presença feminina no setor do agronegócio foi marcada por mulheres pioneiras neste segmento, cada uma com sua valiosa contribuição e bagagem de experiências. Celebraram conquistas, enfrentaram desafios e foram fundamentais para a valorização, modernização e sustentabilidade do setor, evidenciando o crescente protagonismo feminino no desenvolvimento dos sistemas agroalimentares (FAO, 2023).

Ressalta-se Veridiana Victoria Rossetti, a primeira engenheira agrônoma do estado de São Paulo, e a segunda no Brasil. Em 1937 concluiu o curso de Agronomia pela Escola Superior de Agronomia de Queiroz e logo após, em 1940, ingressou como estagiária no Instituto Biológico. Em 1947 foi para os Estados Unidos estudar Estatística Experimental. Também estudou na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Após outros estudos concluídos, ficou reconhecida mundialmente por sua eficiência, inteligência e por diversas pesquisas e descobertas, que muito contribuíram para o meio científico (INBEC, 2018).

Após Veridiana Victoria, outras mulheres também se dedicaram à carreira agro e se destacaram na história deste segmento, a saber: a) Ana Maria Primavesi, engenheira agrônoma e professora, que desenvolveu técnicas de manejo ecológico que ficaram conhecidas em todo o mundo; b) Katia Abreu, primeira mulher a presidir a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA); c) Teresa Vendramini, presidente da Sociedade Rural Brasileira, que busca a modernização e a sustentabilidade do setor; dentre tantas outras que poderiam ser aqui citadas (Alves, 2025).

Em 2021, a Revista Forbes realizou uma pesquisa e enalteceu as mulheres que mais se destacaram no mercado agro, seja no campo ou na cidade. Como resultado, foram ranqueadas as 100 mulheres mais poderosas do agronegócio nos seguintes

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

segmentos: produção de alimentos, pesquisas, empresas, foodtechs, consultorias, instituições financeiras, política, entidades, grupos e influenciadoras digitais (Ondei, 2021).

2.2 MULHERES NO MERCADO DA CAFEICULTURA

O mercado do agronegócio do café tem tido, cada vez mais, a participação de mulheres, seja na lavoura, na gestão de propriedades, degustação, pesquisa e na participação ativa de cooperativas e associações. Mesmo com a desigualdade de gênero, disparidade salarial e desvalorização das mulheres, elas ainda têm perseverança e fazem o mercado da cafeicultura ser promissor (Osório, 2019).

Segundo Arzabe *et al.* (2017), era nítida a ausência das mulheres nos eventos de café, nas feiras, nas associações ou sindicatos. O trabalho das mulheres era visto como invisível perante a sociedade, principalmente no segmento do café, que era considerado como um ambiente somente para os profissionais do sexo masculino. “A história demonstra que a conquista do reconhecimento do trabalho feminino tem sido árdua, porém gratificante" (Arzabe *et al.,* 2017, p. 20).

Fontenele *et al.* (2017) aborda que as mulheres sempre estiveram presentes na lavoura do café. Na infância, por exemplo, brincavam neste espaço enquanto observavam suas avós e mães trabalhando no manejo da colheita. Enquanto isso, foram crescendo, aprendendo desde pequeninas, todos os processos de cultivo de uma lavoura.

2.3 TRAJETÓRIA DE CARREIRA DAS MULHERES: O AGRO É POP?

A campanha publicitária veiculada na TV Globo, no ano 2016: “O agro é tech, o agro é pop, o agro é tudo”, enfatizava que o agronegócio brasileiro está em constante desenvolvimento e tinha por objetivo reforçar seus benefícios para a economia brasileira (G1, acesso em 10 jun. 2025).

Tal vinheta também reforça que o Brasil está interligado com o agro, pois todos os benefícios que este possibilita fazem o país caminhar, se desenvolver, gerar empregos, oferecer produtos de qualidade e crescer economicamente.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

No contexto do agronegócio, frequentemente se afirma que ‘o agro é pop’, e as mulheres têm desempenhado papel fundamental para fortalecer essa percepção, ao evidenciar a competência feminina e contribuir para a redução das desigualdades de gênero, inclusive no que se refere à disparidade salarial no Brasil. Embora ainda existam desafios a serem superados, cada conquista alcançada por essas mulheres representa um avanço significativo e deve ser reconhecida e valorizada.

3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa, delimitou-se uma abordagem qualitativa e descritiva, uma vez que esse tipo de investigação busca compreender fenômenos sociais a partir do universo de significados, motivações, crenças, valores e atitudes dos indivíduos (Minayo, 2014).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco mulheres que atuam na cafeicultura. As participantes foram selecionadas por conveniência, a partir de rede de contatos de uma das pesquisadoras, com os seguintes critérios de elegibilidade: ser maior de 18 anos e atuar na cafeicultura há pelo menos 1 ano. As entrevistas ocorreram entre maio e junho de 2026, de forma presencial, com duração média de 30 minutos. Foram gravadas mediante autorização e transcritas na íntegra. O roteiro abordou cinco blocos: trajetória profissional, desafios enfrentados, acesso ao crédito, uso de tecnologias e conciliação entre trabalho e vida familiar, e perspectivas de carreira. A amostra, de natureza não probabilística, não pretende ser representativa, e o estudo tem caráter exploratório.

Para garantir o anonimato e a confidencialidade das participantes, as entrevistadas foram identificadas pelos códigos E1, E2, E3, E4 e E5. Os dados obtidos por meio das entrevistas foram submetidos à análise temática, permitindo a identificação de categorias relacionadas à trajetória profissional, às barreiras de gênero, à divisão sexual do trabalho, ao uso de tecnologias e às perspectivas futuras das mulheres na cafeicultura.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

A pesquisa foi conduzida em conformidade com a Resolução CNS nº 510/2016. Todas as participantes foram informadas sobre os objetivos da pesquisa e consentiram sua participação mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora e outra com a participante. Para preservar o anonimato, as entrevistadas foram identificadas por códigos (E1 a E5), e informações que pudessem permitir sua identificação (nome, propriedade, município) foram omitidas.

As transcrições foram analisadas por meio de análise temática (Braun; Clarke, 2006), em seis etapas: (i) familiarização com os dados; (ii) geração de códigos iniciais; (iii) busca por temas; (iv) revisão dos temas; (v) definição e nomeação dos temas; e (vi) redação. A codificação foi realizada por duas pesquisadoras, de forma manual por meio de planilha de Excel, e as divergências foram discutidas até se chegar a um consenso. Os temas derivaram, em parte, dos blocos do roteiro (abordagem dedutiva) e, em parte, emergiram dos dados (abordagem indutiva).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, apresenta-se o perfil sociodemográfico das participantes da pesquisa, identificadas como E1, E2, E3, E4 e E5, de forma a preservar o anonimato das entrevistadas e atender aos princípios éticos da pesquisa científica. Conforme apresentado no Quadro 1, as participantes possuem idades entre 30 e 61 anos e diferentes tempos de atuação na cafeicultura, evidenciando a presença de distintas gerações no setor e trajetórias profissionais marcadas, predominantemente, pela sucessão familiar e pela vivência no meio rural.

Quadro 1 – Perfil sociodemográfico das entrevistadas

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

Entrevistada	Idade	Estado civil	Tempo de atuação na cafeicultura	Raça/Cor	Filhos
E1	31 anos	Solteira	25 anos	Branca	Não
E2	31 anos	Casada	Desde a infância	Branca	1
E3	30 anos	Casada	4 anos	Branca	Não
E4	61 anos	Solteira	44 anos	Negra	Não
E5	39 anos	Solteira	10 anos	Branca	Não

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

4.1 TRAJETÓRIA DAS MULHERES NA CAFEICULTURA

As entrevistas realizadas evidenciaram que a inserção das mulheres na cafeicultura ocorre, predominantemente, por meio da continuidade familiar. As

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

entrevistadas relataram contato com a atividade desde a infância, acompanhando pais e familiares nas atividades rurais e adquirindo conhecimentos práticos sobre o manejo da cultura do café. Esse resultado sugere, para este grupo, a relevância da sucessão familiar e da sucessão rural na formação das trajetórias profissionais femininas.

- **Participante E1**
    - **Afirmação (*corpus*):** E1 relatou ter iniciado o contato com a cafeicultura na infância por acompanhamento dos pais cafeicultores, assumindo responsabilidades produtivas e financeiras a partir dos 15 anos.
    - **Excerto:** "*...desde de pequena eu ia pra roça, ficava debaixo do pé de café, ficava vendo meu pai e minha mãe trabalhando com aquilo ali e aí você vai aprendendo [...] acho que foi com uns 15 anos que a gente começa a tomar ciência mesmo, assim. Começa a tomar mais responsabilidade...*" (E1).
    - **Análise:** O relato dialoga com Fontenele et al. (2017), ao evidenciar que a vivência infantil no espaço produtivo da lavoura constitui o primeiro passo da aprendizagem prática, consolidando-se posteriormente na transição para a assunção de responsabilidades de gestão e trabalho.
- **Participante E2**
    - **Afirmação (*corpus*):** E2 apontou a continuidade familiar como origem de sua atuação, associando o reconhecimento profissional ao momento em que a cafeicultura se consolidou como a principal fonte de renda.
    - **Excerto:** "*Foi uma continuidade familiar, né? [...] A partir do momento que a gente consegue estar colhendo os frutos, e trabalhando com a cultura, e vendo que a nossa renda, a maior parte da nossa renda é baseada na cafeicultura.*" (E2).
    - **Análise:** Esse achado alinha-se às abordagens de Hall (2002) e Sullivan e Baruch (2009) sobre a particularidade das carreiras no meio rural, onde a trajetória profissional está umbilicalmente ligada ao rendimento, à sustentabilidade do estabelecimento familiar e à produção agrícola.
- **Participante E3**

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

- **Afirmação (*corpus*):** E3 iniciou a vivência na infância com os pais, mas destacou que sua permanência atual é uma escolha pessoal consolidada após o casamento e a formalização sindical/produtiva.
- **Excerto:** "*Iniciou na minha infância, com os meus pais [...] E agora, depois de um tempo que eu casei, então voltei para esse ramo. Hoje é uma escolha pessoal [...] A partir do momento que eu casei. Aí eu comecei a fazer o bloco de produtor, me cadastrei no sindicato patronal...*" (E3).
- **Análise:** A fala reflete o que Vedana, Shikida e Garcias (2023) destacam sobre o protagonismo e a autonomia feminina no campo, demonstrando que o ingresso ou o retorno à atividade rural também pode se dar por decisão consciente e busca por emancipação econômica.

- **Participante E4**
  - **Afirmação (*corpus*):** E4 ingressou na lavoura aos 10 anos acompanhando os pais e assumiu a continuidade da produção agrícola após o falecimento de seu pai, afirmando-se no setor há mais de quatro décadas.
  - **Excerto:** "*Desde os 10 anos meus pais já me levavam para a roça para aprender. Com 12 anos eu já fazia o mesmo que eles. Quando eu tinha 16, 17 anos, meu pai faleceu e eu dei continuidade ao trabalho que ele nos proporcionou.*" (E4).
  - **Análise:** O depoimento corrobora a análise de Paulilo (2016) sobre a sucessão rural familiar, demonstrando como a necessidade e o conhecimento acumulado levam as mulheres a assumir a liderança das atividades agrícolas diante de eventos de transição familiar.
- **Participante E5**
  - **Afirmação (*corpus*):** E5 descreveu uma trajetória marcada pela herança familiar de gerações, tendo se afastado por motivos de saúde e carreira pública, mas retornado para suceder o pai e gerir a propriedade.
  - **Excerto:** "*...já são mais de, digamos, acredito eu, mais de 100 anos que a família toda só trabalha com isso. Então é uma herança familiar [...]*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

como meu pai faleceu, eu tive que retornar por um pedido dele e também pela necessidade da família de dar continuidade ao legado dele." (E5).

- **Análise:** A trajetória de E5 ilustra a dinamicidade das carreiras femininas contemporâneas abordada por Berlato, Andreatta e Fernandes (2023), em que saberes e experiências acadêmicas e urbanas são reincorporados na gestão de empreendimentos rurais familiares.

Observou-se, ainda, que o reconhecimento profissional ocorreu em diferentes momentos da vida das entrevistadas, geralmente associado ao aumento das responsabilidades na gestão da propriedade, à obtenção de renda proveniente da atividade cafeeira ou à formalização como produtoras rurais. Embora a continuidade familiar tenha sido predominante, algumas participantes destacaram a permanência na atividade como uma escolha pessoal, motivada pela identificação com a cultura do café e pelas oportunidades econômicas oferecidas pelo setor.

Além disso, verificou-se que as mulheres desempenham múltiplos papéis na cafeicultura, atuando simultaneamente como produtoras, gestoras, empreendedoras e trabalhadoras rurais. Esse resultado evidencia a complexidade das funções exercidas pelas mulheres no meio rural e reforça sua contribuição para a manutenção e desenvolvimento das propriedades cafeeiras.

4.2 DESAFIOS E BARREIRAS ENFRENTADAS PELAS MULHERES NA CAFEICULTURA

Apesar dos avanços observados na participação feminina no agronegócio, as entrevistas revelaram a persistência de barreiras relacionadas ao gênero. Entre os principais desafios relatados destacam-se o preconceito, o machismo e a dificuldade de reconhecimento profissional. Algumas entrevistadas afirmaram sentir a necessidade de comprovar sua competência com maior frequência do que os homens, especialmente em situações que envolvem gestão da propriedade e liderança de equipes.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

Outro aspecto identificado refere-se ao acesso ao crédito rural e ao reconhecimento da mulher como responsável pela atividade produtiva. As entrevistadas relataram que, em muitos casos, a renda familiar é formalmente vinculada ao cônjuge masculino, o que pode dificultar a comprovação de renda e limitar o acesso das mulheres a financiamentos e políticas de incentivo. Além disso, foi recorrente a percepção de que a mulher ainda é vista como uma extensão do marido, mesmo quando desempenha funções essenciais na administração e condução da propriedade.

- **Participante E1**
  - **Afirmação (*corpus*):** E1 relatou sentir a necessidade contínua de comprovar sua capacidade profissional, especialmente ao lidar com contratados ou pessoas externas à propriedade.
  - **Excerto:** "*Sim, justamente por isso. Principalmente quando você contrata alguém. Às vezes a pessoa duvida, te olha meio torto. Quando é gente de fora acontece mais.*" (E1).
  - **Análise:** Essa percepção dialoga com Berlato, Andreatta e Fernandes (2023), ao apontar que espaços historicamente masculinizados no agronegócio exigem das mulheres uma validação constante de suas competências frente ao olhar desconfiado de terceiros.
- **Participante E2**
  - **Afirmação (*corpus*):** E2 destacou o obstáculo institucional e cultural no qual a mulher é encarada no meio produtivo como mera dependente ou extensão do cônjuge/pai.
  - **Excerto:** "*A mulher no meio da cafeicultura, ela fica como uma extensão do marido. Muitas vezes é como se ela nem existisse ali, é só o marido. Mesmo que ela execute todas as outras funções, né?*" (E2).
  - **Análise:** O relato reforça a discussão de Faria (2009) e Paulilo (2016) sobre a invisibilização da contribuição feminina no campo, em que a centralidade formal da propriedade e da renda permanece atribuída ao homem.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

- **Participante E3**
    - **Afirmação (*corpus*):** E3 percebe oscilações na valorização de seu trabalho e aponta a necessidade de postura ativa das próprias produtoras para superar os obstáculos do setor.
    - **Excerto:** "*Às vezes sim, às vezes nem sempre, né [...] Eu acho que as próprias mulheres, né. Elas têm que querer, né; elas mesmas, a gente tem que querer se aprofundar ali para a gente conseguir avançar.*" (E3).
    - **Análise:** O depoimento reflete o que Vedana, Shikida e Garcias (2023) enfatizam sobre a importância do engajamento e da busca por autonomia feminina como vetor de transformação nas estruturas tradicionais do meio rural.
- **Participante E4**
    - **Afirmação (*corpus*):** E4 enfatizou o preconceito persistente na concessão de meação e a demora discrepante no acesso a serviços bancários em comparação aos homens.
    - **Excerto:** "*A gente percebia que, às vezes, eu chegava lá no banco com o meu patrão e eu levava quatro, cinco meses para receber, e ele, com dois dias, saía [...] Se eu fosse caçar uma outra meia hoje, eu não acharia. Porque às vezes o cara acha assim: 'ah, não, eu preciso de um homem para trabalhar, mulher não dá conta.'*" (E4).
    - **Análise:** Essa constatação dialoga diretamente com Deere e León (2003) e com relatórios da FAO (2023) sobre as disparidades no acesso ao crédito, terra e oportunidades formais enfrentadas pelas produtoras rurais.
- **Participante E5**
    - **Afirmação (*corpus*):** E5 ressaltou o preconceito enfrentado por ser mulher e pessoa com deficiência, além da negação direta de sua condição de proprietária por parte de fornecedores e clientes.
    - **Excerto:** "*No começo eu enfrentei muito preconceito por ser mulher. Por ser mulher e por ser pessoa com deficiência física [...] Sim, porque para a maioria das pessoas, como quem está à frente da propriedade, somos*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

eu e meu irmão, as pessoas sempre procuram ele [...] Sempre colocam meu irmão na linha de frente." (E5).

- **Análise:** O trecho reflete a persistência dos estereótipos de gênero e da liderança masculina presumida abordados por Berlato, Andreatta e Fernandes (2023), demonstrando como o papel de gestão feminina ainda encontra resistência social.

Tais resultados corroboram a literatura sobre desigualdade de gênero no meio rural, evidenciando que, embora a participação feminina tenha crescido nas últimas décadas, persistem barreiras estruturais que limitam o pleno reconhecimento e valorização das mulheres no agronegócio (Arantes et al., 2024).

4.3 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E DUPLA JORNADA

Os relatos de grande parte das entrevistadas também evidenciaram a permanência da divisão sexual do trabalho na cafeicultura. Atividades que exigem maior esforço físico, como aplicação de defensivos agrícolas, irrigação e movimentação de cargas pesadas, ainda são socialmente associadas aos homens. Entretanto, algumas participantes destacaram sua atuação em tarefas tradicionalmente consideradas masculinas, o que pode indicar, nos casos analisados, o questionamento de estereótipos de gênero no meio rural.

Outro aspecto recorrente foi a sobrecarga decorrente da dupla jornada de trabalho. Quatro das cinco entrevistadas relataram conciliar atividades produtivas na cafeicultura com responsabilidades domésticas e familiares, o que amplia as demandas diárias e pode gerar desgaste físico e emocional. Mesmo diante dessas dificuldades, as participantes demonstraram forte comprometimento com a atividade rural e destacaram a importância da organização do tempo para equilibrar trabalho e vida familiar.

- **Participante E1**

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

- **Afirmação (*corpus*):** E1 mencionou que os trabalhos braçais mais pesados costumam ser destinados aos homens e destacou a preocupação constante que o trabalho na roça gera.
- **Excerto:** "*As poucas tarefas que têm essa divisão são as mais pesadas mesmo. Por exemplo, mexer com irrigação quando o trator não consegue fazer, aí tem que cavar manualmente; acaba sendo uma tarefa mais masculina.*" (E1).
- **Análise:** O relato alinha-se a Sousa e Guedes (2016) ao retratar a atribuição histórica das tarefas de maior exigência física ao contingente masculino, mantendo a diferenciação de papéis na lavoura.

- **Participante E2**
  - **Afirmação (*corpus*):** E2 ressaltou a existência explícita de duas jornadas de trabalho diárias para as mulheres que possuem família no meio rural.
  - **Excerto:** "*Olha, existe um pouco, porque a mulher na cafeicultura, né? Se ela tem a sua família, tem esposo, tem filhos, acaba que ela tem duas jornadas.*" (E2).
  - **Análise:** Essa constatação dialoga com Faria (2009) e FAO (2023), evidenciando que a conciliação do trabalho produtivo no campo com o reprodutivo no lar resulta na dupla jornada de trabalho feminina.
- **Participante E3**
  - **Afirmação (*corpus*):** E3 relatou a sobrecarga sazonal, intensificada no período da colheita, em que a jornada produtiva se estende até a noite nos afazeres domésticos.
  - **Excerto:** "*...na colheita sempre tem, porque a gente sempre trabalha muito nessa época [...] você trabalha o dia todo, chega de noite em casa e ainda tem casa para, né, dar uma olhada — sempre tem alguma coisa para fazer.*" (E3).
  - **Análise:** O depoimento confirma a análise de Escosteguy et al. (2017) sobre a simultaneidade de papéis desempenhados pelas mulheres

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

rurais, cujas exigências domésticas não cessam com o fim do expediente no campo.

- **Participante E5**
    - **Afirmação (*corpus*):** E5 descreveu o acúmulo do papel de gestora/trabalhadora agrícola com a responsabilidade de cuidadora de familiares idosos, resultando no anulamento de sua vida social.
    - **Excerto:** "*Nossa! É difícil, né? [...] eu cuido de dois idosos de 80 anos com as suas comorbidades [...] Então eu vivo praticamente em função da vida na roça e das pessoas ao meu redor.*" (E5).
    - **Análise:** O depoimento corrobora as proposições de Sousa e Guedes (2016) sobre a centralidade feminina nos trabalhos de cuidado (esfera reprodutiva), que, somados às exigências produtivas, acarretam acentuado desgaste pessoal.

4.4 TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E PERSPECTIVAS DE CARREIRA

Em relação à tecnologia, predominou, entre as participantes, a percepção de seu papel facilitador na cafeicultura. A mecanização, o acesso digital a informações, a realização de compras online de insumos e a participação em cursos de capacitação foram apontados como fatores que reduziram barreiras físicas e ampliaram a participação feminina no setor.

As entrevistadas destacaram que a tecnologia contribuiu para tornar as atividades agrícolas menos dependentes da força física, favorecendo maior inclusão das mulheres no agronegócio. Além disso, a busca contínua por qualificação e atualização técnica demonstra o interesse das produtoras em aprimorar seus conhecimentos e acompanhar as transformações do setor.

- **Participante E1**
    - **Afirmação (*corpus*):** E1 relatou como as tecnologias de comunicação e serviços digitais reduziram o isolamento geográfico e facilitaram a gestão comercial do imóvel.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

- **Excerto:** "*Facilitou. Hoje é muito mais fácil pesquisar produtos, comprar insumos e até pagar contas. Antes eu tinha que andar 25 km de estrada de chão pra pagar uma conta.*" (E1).
- **Análise:** A fala confirma os achados de Escosteguy et al. (2017) acerca dos impactos positivos da mediação tecnológica na rotina de produtoras rurais, agilizando tarefas administrativas.

- **Participante E2**
  - **Afirmação (*corpus*):** E2 apontou a mecanização como elemento de mitigação das barreiras físicas, permitindo maior inclusão e desempenho feminino no manejo das lavouras.
  - **Excerto:** "*Facilitou, facilitou. Porque muitas coisas exigem muito mais força física e a tecnologia vem e faz com que quebre isso, né? Nem tudo precisa de força física...*" (E2).
  - **Análise:** Esse achado dialoga com as diretrizes da FAO (2023), que apontam a modernização e a mecanização do agronegócio como pontes fundamentais para a redução do peso do trabalho braçal e inclusão das mulheres.
- **Participante E3**
  - **Afirmação (*corpus*):** E3 ressaltou a tecnologia como aliada essencial para suprir a escassez de mão de obra no campo, projetando crescimento contínuo na atividade.
  - **Excerto:** "*Eu acho que facilitou. Quanto mais tecnologia, ainda mais hoje em dia que a gente está com pouca mão de obra, então às vezes a gente tem algumas coisinhas que facilitam aí na roça.*" (E3).
  - **Análise:** O posicionamento harmoniza-se com a contextualização do setor trazida pela Revista Rural (2022) e pelo Grupo Bugio (2024) quanto à necessidade de automação e eficiência no agronegócio contemporâneo.
- **Participante E4**

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

- **Afirmação (*corpus*):** E4 enfatizou o papel da capacitação técnica continuada e da assistência remota no aprimoramento da produção de cafés especiais e na facilitação das rotinas.
- **Excerto:** "*A tecnologia é tudo, porque mudou muito. Antes era muito braçal; hoje já é mais tranquilo. Hoje você não precisa sair de casa também para comprar produto: você compra de casa e o técnico vem na sua casa.*" (E4).
- **Análise:** O depoimento evidencia a busca ativa por qualificação destacada por Vedana, Shikida e Garcias (2023), mostrando como o conhecimento técnico e a inovação valorizam a trajetória de carreira da produtora rural.

- **Participante E5**
  - **Afirmação (*corpus*):** E5 ressaltou o uso da internet para sanar dúvidas operacionais e defendeu o planejamento estratégico e a renovação tecnológica do maquinário para os próximos anos.
  - **Excerto:** "*...às vezes uma dúvida que não tem ninguém aqui que consiga sanar, eu consigo através do Google ou através das redes sociais com esses instrutores de cafeicultura [...] a gente vai conseguir investir em máquinas mais modernas que consigam não fazer o trabalho, mas diminuir a força braçal e cuidar da saúde dos nossos colaboradores.*" (E5).
  - **Análise:** A postura de E5 alinha-se aos conceitos de carreira no meio rural discutidos por Hall (2002) e Sullivan e Baruch (2009), demonstrando que a visão de futuro está pautada na gestão da propriedade, inovação sustentável e profissionalização.

Quanto às perspectivas futuras, observou-se uma visão predominantemente otimista em relação à carreira na cafeicultura. As participantes manifestaram o desejo de permanecer na atividade, ampliar a produção, investir em inovação e alcançar maior reconhecimento profissional. Também foi recorrente o incentivo para que outras mulheres ingressem no setor, embora reconheçam a necessidade de políticas

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

públicas, apoio institucional e ações voltadas à redução das desigualdades de gênero no meio rural.

Este estudo apresenta limitações. Primeiro, a amostra é composta por cinco mulheres selecionadas por conveniência, o que impede generalizações e não permite afirmar saturação teórica. Segundo, as participantes concentram-se na região de Linhares, Norte do Espírito Santo, e a cafeicultura brasileira varia em espécie, escala, mecanização e estrutura fundiária. Terceiro, há heterogeneidade nas funções ocupadas (produtoras, gestoras, [..]), o que dificulta comparações. Quarto, a diversidade racial é limitada a uma participante negra, o que restringe a análise interseccional. Quinto, o corpus digital não foi descrito com profundidade suficiente para análise sistemática. Por fim, a análise envolve interpretação das autoras, e os relatos refletem percepções das participantes.

5 CONCLUSÃO

O estudo teve como objetivo compreender os desafios relatados por cinco mulheres que atuam na produção cafeeira da região Norte do Espírito Santo, mais especificamente no município de Linhares. No conjunto das trajetórias analisadas, foram relatadas experiências de preconceito de gênero, busca por reconhecimento profissional, dificuldades percebidas no acesso a recursos [especificar] e conciliação entre responsabilidades produtivas e domésticas. A inserção na atividade ocorreu, predominantemente, por sucessão familiar. As participantes perceberam a tecnologia como facilitadora do trabalho, e demonstraram interesse em permanecer na atividade.

As análises também demonstraram que as mulheres desempenham papéis fundamentais na produção, gestão e inovação no agronegócio café, contribuindo para a modernização e sustentabilidade do setor. A incorporação de tecnologias e o acesso à informação têm favorecido a ampliação da participação feminina, reduzindo algumas barreiras historicamente associadas à força física e promovendo maior autonomia no ambiente rural.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

Além disso, verificou-se que a trajetória das mulheres na cafeicultura é fortemente influenciada pela agricultura familiar e pela sucessão rural, evidenciando a importância da valorização do trabalho feminino e da ampliação de oportunidades para seu desenvolvimento profissional. Apesar dos avanços observados, torna-se necessário fortalecer políticas públicas, programas de capacitação e iniciativas de incentivo ao empreendedorismo feminino no campo, visando promover maior equidade de gênero no agronegócio.

Como contribuição teórica, este estudo amplia as discussões sobre gênero, carreira e desenvolvimento rural, ao abordar especificamente a realidade das mulheres na cafeicultura, temática ainda pouco explorada na literatura científica. Em termos práticos, os resultados podem subsidiar gestores, cooperativas, associações e formuladores de políticas públicas na elaboração de estratégias voltadas ao fortalecimento da participação feminina no setor.

Por fim, sugere-se que pesquisas futuras ampliem o número de participantes e investiguem diferentes regiões produtoras de café no Brasil, bem como aprofundem a análise das interações em redes sociais digitais, a fim de compreender de forma mais abrangente as transformações nas trajetórias profissionais das mulheres no agronegócio.

6 REFERÊNCIAS

ADDEO, F. et al. **Doing Social Research on Online Communities: The Benefits of Netnography. Athens Journal of Social Sciences, v. 7, n. 1, p. 9–38, 2020**. Disponível em: https://www.athensjournals.gr/social/2020-7-1-1-Addeo.pdf. Acesso em: 14 jun. 2026.

ALVES, A. **Dia das Mulheres: conheça as pioneiras que revolucionaram o agro brasileiro.** Agro 2**,** publicado em 8 de março de 2025**.** Disponível em:

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

https://agro2.com.br/agricultura/dia-das-mulheres-conheca-as-pioneiras-que-revolucionaram-o-agro-brasileiro/. Acesso em: 14 jun. 2025.

ARANTES, Cássia da Silva Castro; LEMOS, Ana Heloísa da Costa; MEDINA, Gabriel da Silva; CRUZ, José Elenilson. O agro é masculino: discriminação profissional de mulheres no agronegócio. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, 2024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cebape/a/KKhbh9J4C4wtYbJcDg5Q8XG/?lang=pt. Acesso em: 9 nov. 2026.

ARZABE, C. *et al.* **Mulheres dos cafés no Brasil.** Brasília: Embrapa, 2017, p. 13-14.

BERLATO, H.; ANDREATTA, D.; FERNANDES, T. **"Não se nasce mulher, torna-se": impressões das mulheres sobre a carreira no agronegócio e seus espaços**. Braz. BBR. Brazilian Business Review, v. 20, n. 5, p. 485-499, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/bbr/a/WhWJGVhrRRYDR83B7tZSkGC/abstract/?lang=pt. Acesso em: 10 maio 2025.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

DEERE, C. D.; LEÓN, M. **The Gender Asset Gap: Land in Latin America**. World Development, v. 31, n. 6, p. 925–947, 2003. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0305750X03000469. Acesso em: 14 jun. 2026.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). **Mulheres rurais fortalecem protagonismo e ampliam conhecimentos em encontro promovido pela Embrapa Roraima.** Brasília, DF: Embrapa, 2025. Disponível em: https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/103852945/mulheres-rurais-fortalecem-protagonismo-e-ampliam-conhecimentos-em-encontro-promovido-pela-embrapa-roraima. Acesso em: 13 jun. 2026.

ESCOSTEGUY, A. C. D. *et al.* Mulheres rurais e seus usos mediados das TICs: tensionamentos e permanências nas relações de gênero. **Intercom, Revista Brasileira de Ciência e Comunicação**, v. 40, n. 1, p. 195-211, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/interc/a/kPpXqfRZgnNmTKsct6SWK5g/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 25 jan. 2025.

FAO. **The Status of Women in Agrifood Systems**. Rome: FAO, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.4060/cc5343en. Acesso em: 13 jun. 2026.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

FARIA, N. **Economia feminista e agenda de luta das mulheres no meio rural.** *In:* ESTATÍSTICAS rural e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres. 2009. Disponível em: https://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Economia-feminista-e-agenda-de-luta-das-mulheres-no-meio-rural-Nalu.pdf. Acesso em: 28 out. 2024.

FERREIRA. W. P. M. *et al. In:* ARZABE, C. **Mulheres dos cafés no Brasil.**Brasília: Embrapa, 2017, p. 20-34.

G1. Agro é tech, agro é pop, agro é tudo. Propaganda publicitária. 2018. (vídeo 49"). Disponível em: https://g1.globo.com/economia/agronegocios/video/entenda-a-campanha-agro-e-tech-agro-e-pop-agro-e-tudo-5343997.ghtml. Acesso em: 10 jun. 2025.

GRUPO BUGIO. **A importância da tecnologia na expansão do agronegócio brasileiro em 2024.** Chapeçó, 2024. Disponível em: https://grupobugio.com.br/a-importancia-da-tecnologia-na-expansao-do-agronegocio-brasileiro-em-2024/. Acesso em: 20 maio 2025.

HALL, D. T. *Careers in and out of organizations*. Thousand Oaks: Sage, 2002.

HORA, K.; NOBRE, M.; BUTTO, A. **As mulheres no Censo Agropecuário de 2017.** Brasília: Associação Brasileira de Reforma Agrária, 2021. Disponível em: https://www.embrapa.br/documents/1355154/69822227/HORA%2C+NOBRE+E+BUTTO+CENSO+2017.pdf/f391dda1-c8f8-6e51-117f-f221042e5a0e. Acesso em: 4 jun. 2025.

INBEC. **Conheça a história da engenheira agrônoma Victoria Rossetti, uma as maiores autoridades em Fitopatologia do Brasil**. Disponível em: https://inbec.com.br/blog/conheca-historia-engenheira-agronoma-victoria-rossetti-uma-maiores-autoridades-fitopatologia-brasil. Acesso em: 24 jun. 2025.

KOZINETS, R. V. Netnography Unlimited: Understanding Technoculture Using Qualitative Social Media Research. New York: Routledge, 2019.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social**. teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

ONDEI, V. Lista Forbes das 100 mulheres poderosas do agro. **Forbes Agro,** publicado em 15 de outubro de 2021. Disponível em:

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 15/10/2026 - **Accepted:** 15/11/2026
Vol: 13.24
DOI: 10.66104/zex3r360
Pages: 1-26

https://forbes.com.br/forbesagro/2021/10/100-mulheres-poderosas-do-agro/. Acesso em: 13 jun. 2025.

ONU MULHERES. **Empoderamento econômico das mulheres e igualdade de gênero**. Brasília: ONU Mulheres, 2024.

OSÓRIO, G. L**. Mulheres no café**: percepções sobre o crescimento das mulheres no agronegócio café. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Centro Universitário Sul de Minas, 2019

PAULILO, Maria Ignez Silveira. **Mulheres rurais: quatro décadas de diálogo**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016.

REVISTA RURAL. **Mão de obra qualificada ainda é desafio para o agro.** Disponível em: https://www.revistarural.com.br/2022/11/08/mao-de-obra-qualificada-ainda-e-desafio-para-o-agro/. Acesso em: 11 jun. 2025.

SOUSA, L. P. de; GUEDES, D. R. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos avançados**, v. 30, n. 87, p. 123-139, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ea/a/PPDVW47HsgMgGQQCgYYfWgp/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 18 jun. 2025.

SULLIVAN, S. E.; BARUCH, Y**.** Advances in career theory and research: a critical review and agenda for future exploration. *Journal of Management*, v. 35, n. 6, p. 1542-1571, 2009.

VEDANA, R.; SHIKIDA, P. F. A.; GARCIAS, M. de O. Empoderamento feminino na agricultura: um estudo na Lar Cooperativa Agroindustrial (Paraná). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 61, n. 2, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/resr/a/JCC8tzkrswMZfhqQKLmDyzr/. Acesso em: 9 maio 2025.